

CAPÍTULO 8

UM POETA ATIRADO AOS BICHOS – E SEU CONTRÁRIO A POET THROWN TO ANIMALS – AND HIS OPPOSITE

Vima Lia de Rossi Martin
Universidade de São Paulo

Maria Nilda de Carvalho Mota
Universidade de São Paulo (Pós-doutora)

RESUMO

O texto apresenta comentários sobre cinco poemas do livro **Cela 1**, de José Craveirinha, em sua maioria escritos durante o período em que o escritor esteve preso (1965-1969). Buscaremos demonstrar como os versos do poeta, simultaneamente singelos e complexos, constroem-se como resistência à desumanização experienciada no contexto colonial e, sobretudo, no cárcere.

Palavras-chave: José Craveirinha; **Cela 1**; desumanização; resistência.

ABSTRACT

This text presents comments on five poems from the book **Cela 1 [Cell 1]**, by José Craveirinha, mostly written during the period in which the writer was imprisoned (1965-1969). We will seek to demonstrate how the poet's verses, simultaneously simple and complex, are built as a resistance to the dehumanization experienced in the colonial context and, above all, in prison.

Keywords: José Craveirinha; **Cell 1**; dehumanization; resistance.

*Todo o poeta quando preso
é um refugiado livre no universo
de cada coração
na rua.
(José Craveirinha)*

INTRODUÇÃO

Ainda nos dias de hoje é comum no Brasil, inclusive entre leitores e leitoras especializadas, que se pergunte: “Quem é José Craveirinha?”. A questão se justifica se considerarmos aspectos da história e da conjuntura brasileira, marcados por dinâmicas de racialização que tendem a invisibilizar, subalternizar e subestimar a população negra. Nesse cenário, não é incomum uma certa ignorância acerca da literatura produzida nos países africanos.

Para mitigar esse desconhecimento, nosso objetivo, no âmbito deste texto, é contribuir para a difusão da literatura escrita por Craveirinha, sem dúvida um dos poetas mais significativos de Moçambique e do conjunto dos países africanos, não apenas os de língua oficial portuguesa. Para isso, comentaremos cinco poemas constantes do livro **Cela 1**, cuja primeira publicação, promovida pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco de Moçambique, data de 1980. São eles: “Poeta atirado aos bichos”, “Uma cantiga em três tempos”, “Poema do alfinete mágico”, “Poema à unha” e “Amor a doer”. Ao longo de sua leitura, buscaremos demonstrar de que modo os versos do poeta, que foram escritos durante o período no qual o escritor esteve preso, constroem-se como resistência à desumanização experienciada no contexto colonial e sobretudo dentro do cárcere.

José Craveirinha nasceu em 1922, na cidade de Lourenço Marques, atual Maputo, e faleceu no ano de 2003, na África do Sul. De acordo com Mendonça (2003), Craveirinha foi autodidata e funcionário da Imprensa Nacional de Lourenço Marques. Como jornalista, cronista e também ensaísta, colaborou em diversas publicações periódicas como **O Brado Africano**, **Notícias**, **Tribuna**, **Notícias do Bloqueio**, **Notícias da Tarde**, **Voz de Moçambique**, **Notícias da Beira**, **Diário de Moçambique** e **Voz Africana**.

Importante liderança política e cultural, a partir dos anos 1950, Craveirinha passa a desempenhar um papel de relevo na vida da Associação Africana (ou Grêmio Africano), chegando a presidir esta instituição. Também fez parte do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM) – grupo independentista formado por jovens moçambicanos. Por sua militância política, Craveirinha foi preso pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) e cumpriu pena de 1965 a 1969, acusado de ter ligações com o movimento revolucionário Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

Durante esse duro período de encarceramento, primeiro na Cadeia Civil de Maputo e depois no Hospital Psiquiátrico de Infulene, nascem a maioria dos poemas do livro **Cela 1**, escritos como forma de sobrevivência ao confinamento. Eles foram manuscritos em um diário que o próprio autor confiou ao amigo e também poeta Rui Knopfli e, graças a este gesto, os textos foram preservados e puderam ser publicados. Para Craveirinha, a literatura mostrou-se essencial no tempo em que esteve encarcerado, constituindo-se como um espaço de autonomia e insubordinação. Nesse sentido, os textos de **Cela 1** não só testemunham as torturas, os medos, a solidão e as poucas alegrias do poeta dentro dos espaços concentracionários da prisão e do manicomio, como também testemunham a esperança da liberdade.

Após a independência de Moçambique, em 1975, Craveirinha foi eleito o primeiro Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, tendo igualmente presidido a Assembleia Geral da Associação Moçambicana de Língua Portuguesa. Ainda em vida, recebeu diversos prêmios literários, dentre eles o Prêmio Alexandre Dáskalos (1962); o Prêmio Nacional de Poesia de Itália (1975); o Prêmio Lótus, da Associação de Escritores Afro-Asiáticos (1983), o Prêmio Camões (1991) e o Prêmio *Voices of Africa* (2002).

UM POETA ATIRADO AOS BICHOS

Apresentamos a seguir comentários sobre cinco poemas presentes no livro **Cela 1**, cuja edição, utilizada aqui como referência, consta do livro **Obra poética**, publicado em 2002 pela Imprensa Universitária da Universidade Eduardo Mondlane. De modo geral, é possível observar, no conjunto dos 66 textos que compõem **Cela 1**, dois movimentos discursivos complementares: de um lado, a denúncia da desumanização experienciada no cotidiano da dominação colonial e no cárcere e, de outro, a resistência a essa mesma desumanização, formalizada, via de regra, em imagens amorosas e eróticas.

Vale dizer que o conceito de desumanização aqui é considerado tanto como o resultado do afastamento da espécie humana, ou afastamento do que historicamente nos torna humanos, como a sociabilidade, a individualidade, a liberdade e autoconsciência, como também a negação ou violação dos direitos considerados inalienáveis pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Inscrito no campo político, o binômio humanização/ desumanização, tal como o compreende Paulo Freire, im-

plica o reconhecimento da desumanização e a luta pela afirmação da humanidade de todas as pessoas:

Constatar essa preocupação [com a humanização] implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade história. É também, e talvez sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, os inscrevem num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.

Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. (FREIRE, 2005, p. 32)

Se tanto a humanização como a desumanização são possibilidades dos homens, segundo Freire, só a primeira corresponderia à sua vocação, o que explicaria e justificaria toda a luta contra a injustiça, violência e opressão que estão na base dos processos de desumanização. Nesse sentido, a desumanização não é destino, mas situação passível de ser superada pela ação humana.

Um poema exemplar da denúncia da desumanização é “Poeta atirado aos bichos”, revelador da angústia visceral do poeta-militante que, embora enjaulado, nutre esperança acerca de uma pátria futura, de uma futura cidadania livre da opressão portuguesa. Vejamos:

Poeta atirado aos bichos

Meu amor:

*Nem tu percebes ainda o bater
ansioso dos tendões nos afinados
motores bem mainatos passando a ferro
o capim debaixo das obscenas chapas*

*na maquilhagem embelezando
a escarlate as picadas.*

*E
tua ostra de chamas
cerra-me no seu íman de con-
cha palpitando as mornas pétalas do teu gerânio
um belo coiso de gemidos no tálamo
de capim onde alongamos os nossos
pesadelos em fragmentos
dispersos na mata à ferroada
dos insectos de obuses.*

*Porque
confesso-te, meu amor
não são bem propriamente o que eu desejo
estes pervertidos versos sem rima e sem nada
mas unicamente nacos fixos de um poeta
de carne em sangue no meio deste zoo
atirado aos bichos!*

(CRAVEIRINHA, 2002, p. 13)

Escrito com versos livres e brancos (“pervertidos versos sem rima e sem nada”) e dirigido a uma interlocutora feminina, o texto evidencia o carácter desumanizante do tratamento concedido aos colonizados em geral e do tratamento concedido na prisão aos chamados criminosos políticos de então. Vemos, assim, o poeta submetido à violência material e simbólica, afetado pela escassez, pela tortura, pelo isolamento e pelo cerceamento de sua liberdade. Um sujeito tratado como bicho e atirado a outros bichos.

Observamos ainda que o poeta sobrevive e resiste com a ajuda da poesia, pois esta cumpre o papel fundamental de suspender e fundir tempos e espaços, aproximando pessoas e situações que povoavam suas lembranças e sua imaginação. Assim, o poema subverte o espaço-tempo, aproxima o que está separado e, de certo modo, mantém resguardada a sociabilidade do poeta. Como esclarece Mota:

Trata-se da dramaticidade típica de Craveirinha levada ao extremo: o espaço, o tempo e os seres cindidos pela opressão, pela forçada desumanização, na

escrita do poeta se aproximam, convivem e dão o tom da resistência, pois organizam o caos e o denunciam sem, contudo, desesperançar-se. (MOTA, 2017, p. 99-100)

Estruturalmente, o texto se organiza por uma sintaxe que, embora baseada na fragmentação das ideias contidas em cada verso (radicalizada no início da segunda estrofe, com a separação da palavra “con-/cha”), não deixa de sugerir um tom de conversa bem construída, com começo, meio e fim garantidos pelo encadeamento discursivo.

Do ponto de vista dos recursos sonoros, é possível notar que, no vocativo que constitui o primeiro verso da primeira estrofe, há uma sugestão de intimidade e brandura, uma certa maciez proporcionada pelo uso da letra /m/ (“Meu amor”). Já no segundo verso, uma sequência de consoantes oclusivas (/p/, /b/, /t/ e /d/) e acentos estrategicamente situados reforçam a semântica da violência, da tortura, dos tiroteios, dos ferimentos e mortes presenciados em cenário de combate.

Essa dinâmica sonora – sons nasais (/m/ e /n/) se alternando com oclusivas, sons mais secos e duros (**tendões**, **mainatos**, **passando**, **capim**, **maquilhagem**, **embelezando**) – forma uma melodia peculiar ao longo de todo o texto, como se uma experiência amorosa, sensual e suavizante, fosse frequentemente interrompida de modo brusco e bruto, como sugere o verso “pesadelos em fragmentos”. Assim, se há uma melodia, ela parece estar em desarmonia, quiçá descompassada. Descompassada, talvez, como o coração do poeta sangrando em meio aos bichos de um zoo; ou como um casal de amantes em meio aos explosivos disparados pelos obuseiros, entregando-se ao amor ou mesmo entregando o amor à pátria por vir.

A hipótese de que a amada do poeta possa ser também a pátria pela qual lutou e perdeu a liberdade ganha sentido no contexto da Luta pela Independência. A terra, objeto de amor e território de disputa, é tida como espaço a ser conquistado e celebrado, tal como a companheira de amores que, no contexto da guerra, é também companheira de batalhas.

Na fusão entre pátria e mulher amada, as metáforas de amor e o erotismo explícito (“tua ostra de chamas/ cerra-me no seu íman con-/cha palpitando as mornas pétalas do teu gerânio/ um belo coiso de gemidos no tálamo”) conformam “nacos fixos de um poeta”, experiência poética vital para quem se encontra “atirado aos bichos”.

UMA CANTIGA EM TRÊS TEMPOS, UM ALFINETE MÁGICO

A resistência à desumanização, concernente à situação de confinamento, ocorre por meio da escrita literária – é escrevendo poesia que Craveirinha permanece em contato com seu povo, sua família, seus amores, seus companheiros e companheiras de luta. E se a liberdade não se materializa no presente do poeta, ela permanece no

horizonte do desejo, da determinação, da luta revolucionária e das possibilidades abertas pela palavra poética. Leiamos o poema “Uma cantiga em três tempos”:

Uma cantiga em três tempos

I

*O poeta enclausurado
ou mesmo incomunicável seis meses
circula
e funciona
como um irrevogável
perfeito golpe de estado.*

Até Platão

esperto já sabia disso!

II

*O poeta
apesar de preso
nunca tem o problema
de sentir-se completamente só.*

*Porque a poesia não lhe permite
estar detido
e ficar sozinho.*

III

*A dificuldade
da verdadeira poesia não são as ideias.
São as palavras.
Quando
por exemplo quero dizer
que a cidade à noite é o palácio
onde privilegiados inquilinos
por estarem desempregados*

*não pagam renda...
Penso...
mas sem palavras
posso confessar muita coisa mas
ninguém sabe nada.
(CRAVEIRINHA, 2002, p. 6)*

Como se vê, trata-se de um poema que, com traços metalinguísticos, revela como a aspiração à liberdade, pessoal e coletiva, ganha sustentação no próprio ato da escrita. Nesse sentido, parece vigorar a convicção de que o poeta – alvo da clausura, em tempos de exceção – é um ser político (tempo I); de que escrever é ato coletivo e, por isso mesmo, antídoto contra a solidão do cárcere (tempo II); e de que a construção da palavra poética é sempre difícil e desafiadora.

Desse modo, emana do texto a ideia de que escrever é fundamentalmente uma defesa contra os sistemáticos ataques à humanidade do poeta e da população moçambicana. Nesse contexto, ganha destaque o verso final do texto, “ninguém sabe nada”, que pode aludir tanto aos limites de nossa própria consciência (numa chave existencial), como à indefinição política do momento (numa chave histórica). O sentido geral do poema se tece, assim, no enlace primoroso entre poética e política.

Outro texto que merece destaque por seu caráter emblemático de resistência à desumanização é “Poema do alfinete mágico”, de 1966. Ele foi escrito com um alfinete em um pedaço de papel higiênico e a precariedade do suporte só reafirma a necessidade premente de Craveirinha escrever sua dor e sua esperança. Ao longo das três estrofes do texto, acompanhamos o desejo do poeta – que se apresenta irmanado aos “miseráveis sonhadores moçambicanos” que suspendem seus “corações nas janelas” – de viver uma vida livre, liberta das grades sustentadas pelo colonialismo. Vejamos:

Poema do alfinete mágico

*Com um inofensivo alfinete mágico
nós, os miseráveis sonhadores moçambicanos
de cerrados maxilares invocamos os desejos
e suspendemos os corações nas janelas
donde a lua e o sol quando entram
entram gradeados.*

*E
nesta ausência da família pensamos
como seria bom estarmos todos juntos a almoçar*

*todos juntos a almoçar qualquer coisa lá em casa
mas depois do grande sonho conseguido.
Com este alfinete mágico
as rezas que rezamos desajoelhados
são rezas inauditas a uma espingarda
mais do que deus nos milagres
das suas balas desgradeando
o sol inteiro de dia
e à noite a lua toda.
(CRAVEIRINHA, 2002, p. 18-19)*

O poema sugere que, para se alcançar uma vida plena (metaforizada nos dois últimos versos: “o sol inteiro de dia/ e à noite a lua toda”), é fundamental a extinção das grades (da prisão, da sociedade colonial), sendo que essa é tarefa humana, mais do que milagre divino. Note-se que a imagem construída na segunda estrofe – a da família reunida para um almoço em casa, “mas depois do grande sonho conseguido” – aproxima-se da ideia de sonho diurno proposta por Ernst Bloch em sua obra **O princípio esperança**, publicada em 1976.

É Benjamin Abdala Jr. que, ao refletir sobre a poética de José Craveirinha e os anseios revolucionários de outros intelectuais e escritores de sua geração, recupera essa noção crítica do sonhar para a frente, desenvolvida por Bloch, esclarecendo que ela contempla a antevisão de um futuro orientado pela e para a transformação política e social. O crítico brasileiro relaciona, ainda, as ideias de sonho diurno e utopia libertária:

Pela dialética sonho/realidade, o ainda-não-consciente torna-se, pela atitude militante do poeta, uma forma de consciência antecipante, consciência capaz de engendrar e de dar expressão formal às imagens do desejo de uma geração que procurava materializar, no texto como na práxis política, a utopia libertária. (ABDALA Jr., 2002, p. 23)

No “Poema do alfinete mágico”, é possível flagrar essa consciência antecipadora, de que nos fala Abdala Jr., no sujeito poético que expressa um sonho diurno ao dar forma literária a uma imagem do desejo pessoal e coletivo. Também se observa que próprio ato de escrever é experienciado como uma força estruturante: o trabalho não alienado, a memória, a autoconsciência permanente e a potência de vida, expressas na arte, alimentam a humanidade do poeta. Tudo isso desafia a desumanização impetrada ao encarcerado e a seu povo. No mínimo espaço da cela, na pequena ponta do alfinete, revela-se a magia capaz de resistir à opressão e amplificar a esperança de liberdade.

O AMOR E AS AMADAS

O amor parece ser o sentimento maior capaz de garantir a existência/sobrevivência do poeta, sua resistência ante o absurdo da dominação colonial e da violência da prisão. Tal sentimento amoroso, com sua dimensão desejante, é dirigido simultaneamente a duas amadas: à mulher, companheira de luta de quem está apartado, e à pátria, que clama por autonomia no contexto de luta contra a metrópole portuguesa. Esse duplo direcionamento, já verificado em “Poeta atirado aos bichos”, pode ser observado claramente em “Poema à unha”, que transcrevemos a seguir:

Poema à unha

*No som
da tua ciciada voz
estás comigo
toda nua.*

*A tua imagem
é de nitrato nas minhas falanges
nas noites em que o mundo a toda à volta
mede-se na solidão obscenizada.
Nua como te vejo
De mãos comprimindo-me as espáduas
Pede por nós que estamos ausentes
Sem partirmos.
Pede por nós
A cochicharmos atrás das janelas
Intensos como profecias
Ou pragas insoletráveis na boca de um morto.*

*E cadaverizados
É fantástico como nos movemos terríveis
No facto incontestável da sobrevivência.
E sem um lápis
até somos capaz de escrever
na cal das paredes os versos*

*profanos em caligrafia à unha
quase como um poema.*

*Este,
por exemplo
meu amor!*
(CRAVEIRINHA, 2002, p. 28-29).

O texto parece estabelecer uma tensão fundamental entre vida e morte sendo que, ao final, a possibilidade de se compor um poema de amor (ainda que com a própria unha) prevalece como possibilidade de existência – e resistência ao aniquilamento. Assim, se por um lado é a presença imaginada da mulher amada, sensualmente nua, que ameniza a solidão e faz coro na súplica por todos os que se ausentam sem partir (ou seja, estão presos), por outro, os corpos aprisionados – desumanizados – são como cadáveres que se movem no estreito espaço da sobrevivência cotidiana. Entretanto, é aí que se abre a possibilidade maior de vida, já que um quase poema de amor é possível. Nesse sentido, a estrofe final, de apenas três versos, constrói-se de modo a anunciar o amor do poeta (pela amada, pela poesia, pela liberdade, pela vida) de maneira arrebatada, como um irrompimento ou uma explosão, ideia reforçada pela sonoridade do termo “exemplo” e pelo uso da exclamação final.

Note-se, ainda, que é possível estabelecer uma vinculação específica entre “Poema à unha” e “Poema do alfinete mágico” já que, em ambos, a caneta e o papel, frequentemente necessários para a escrita literária, são improvisados no contexto de escassez e censura da prisão: unha e alfinete substituem a caneta, e parede e papel higiênico são utilizados como espaços para o registro dos poemas. Esses gestos extremos enfatizam, como já afirmamos, a função vital da criação artística que se apresenta como essencial para que Craveirinha resista ao confinamento.

Em outro poema, “Amor a doer”, também é possível observar como o sentimento amoroso é metáfora que expressa o desejo esperançoso do poeta:

Amor a doer

*Beijos.
Carícias.
Este infinito sentimento
no recíproco amor homem mulher
para jamais nos esquecermos de vez
do amor dos amores mais amados*

o amor chamado pátria!

Mordaças.

Palmatoadas.

Calabouços.

Anilhas de ferro nos tornozelos.

*E no infinito amor a doer
também o infantil beijo dos filhos
a magoada ternura incansável da esposa
um cobertor grande e um pequeno para os quatro
e numa tábuia despregada do chão
escondido o jornal a falar do Fidel.*

*E nem que nos caia em cima o argumento
de cigarro na boca e lúgubre revólver em cima da mesa
não mostraremos o papel guardado na tábuia do soalho
ali a fazer do amor escondido
o futuro de um povo.*

(CRAVEIRINHA, 2002, p. 12)

A relação entre amor romântico e amor à pátria fica evidente no texto, cujo título aproxima amor e dor: esta provocada pela ausência da amada e pela inexistência da pátria livre. É interessante observar, na associação proposta, que ambos os amores parecem se alimentar e se fortalecer mutuamente: de um lado, o infinito e recíproco “amor homem mulher” serve para fazer lembrar o “amor dos amores mais amados” – a pátria (estrofe 1); de outro, é no espaço doméstico e amoroso da família que a luta pela independência, metaforizada no “jornal a falar do Fidel”, se engendra e também se camufla diante dos agentes da repressão. Assim, é também no espaço interior da casa (“amor escondido”), que se constrói o futuro do povo moçambicano, livre das amarras do colonialismo.

Como em outros poemas de Craveirinha, vemos aqui, uma vez mais, o tempo passado – e vivo – da memória amalgamado ao tempo futuro, na configuração do sonho diurno de uma pátria liberta; também o espaço da casa, que reúne filhos, esposa e luta, se faz presente no espaço violento e desumanizado da prisão – espaço de tortura tão bem caracterizado na segunda estrofe. Trata-se de uma estratégia composicional

que aproxima tempos e espaços, criando brechas para que o poeta possa resistir através da poesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Narrativa e resistência”, Alfredo Bosi trata da resistência enquanto tema e também enquanto forma imanente da escrita literária. E ainda que o ensaio focalize sobretudo textos em prosa, as reflexões desenvolvidas pelo autor iluminam também a elaboração de textos poéticos. Segundo ele, há obras que possuem uma tensão interna que as fazem resistentes. Essa tensão, que se traduziria no embate entre eu/mundo, materializar-se-ia sobretudo na construção do ponto de vista e na estilização da linguagem. Em suas palavras:

A resistência é (...) uma luz que ilumina o nó inextrincável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições. (BOSI, 2002, p. 134)

Como expressão original da experiência, a literatura resistente constrói uma perspectiva crítica sobre a realidade e é capaz de promover a desalienação de autores(as) e leitores(as). Como vimos nos poemas selecionados, a criação poética de José Craveirinha, concebida fundamentalmente em contexto prisional, veicula uma utopia libertária: o sonho diurno de conquista da independência e da consequente emancipação de todos os moçambicanos.

É no contexto da luta entre colonizadores e colonizados que a condição de confinamento do poeta e as possibilidades de sobrevivência a ela – metaforizadas na exaltação do amor – emergem como temas centrais. Como tantos companheiros e companheiras de militância política, o poeta necessita lutar por sua sobrevivência, por sua saúde psíquica, por sua família e por todos os irmãos que clamam por liberdade. Daí o esforço em escrever até mesmo com alfinete em pedaços de papel higiênico; o esforço de escrever poemas à unha nas paredes; e sobretudo a insistência em falar de amor e exaltar suas amadas – a mulher sensual e a pátria moçambicana que se fundem num mesmo ideal.

Assim, se o militante político José Craveirinha é um poeta atirado aos bichos, nos poemas de **Cela 1** vemos emergir também o seu contrário: o poeta que transcende os limites da opressão e alça voo através da linguagem. O poeta que resiste à desumanização ao falar não apenas da vida como ela é, mas da vida plena e digna de ser vivida por todos os moçambicanos e por cada um de nós, sujeitos de direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA Jr., B. António Jacinto, José Craveirinha, Solano Trindade – o sonho diurno de uma poética popular. **Via Atlântica**, n. 5, p. 30-39, 2002.
- BLOCH, E. **O princípio esperança**. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 2005.
- BOSI, A. Narrativa e resistência. *In: Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CRAVEIRINHA, J. Cela 1. *In: Obra poética*. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MENDONÇA, F. José Craveirinha, o sonhador de sonhos. *In: Craveirinha, J. Poemas da prisão*. Lisboa/Maputo: Ndjira, 2003.
- MOTA, M. N. C. **João Cabral e José Craveirinha: literatura contra a desumanização**. 2017. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.